

# ANÁLISE DO DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO

## ANALYSIS OF PRESIDENT JAIR MESSIAS BOLSONARO'S POSSESSION SPEECH

José da Silva **1**  
José Edson Ferreira Lima **2**

**Resumo:** A análise de enunciações presidenciais tem sido vista como instrumento para compreensão de construção da relação do Estado com os sujeitos percebidos na condição de governados. O presente trabalho tem por objetivo analisar ideologias que constituíram o discurso de posse do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, doravante Presidente Bolsonaro, na sessão de posse no Congresso Nacional em 2019. Teve como Metodologia a Análise de Discurso (AD) na perspectiva do materialismo histórico-dialético. As seqüências discursivas (SD) foram organizadas em seis categorias. Concluiu que a formação discursiva apresentou predominância da ideologia conservadora de viés religioso e de modo secundário os valores liberais.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Discurso Presidencial. Jair Bolsonaro.

**Abstract:** The analysis of presidential statements has been seen as an instrument for understanding the construction of the relationship of the State with the subjects perceived as governed. The present work aims to analyze ideologies that constituted the inauguration speech of the President of the Republic Jair Messias Bolsonaro, henceforth President Bolsonaro, in the inauguration session in the National Congress in 2019. It used the Discourse Analysis (DA) Methodology in the perspective of materialism historical-dialectic. The discursive sequences (DS) were organized into six categories. He concluded that the discursive formation showed a predominance of conservative ideology with a religious bias and, in a secondary way, liberal values.

**Keywords:** Discourse Analysis. Presidential Speech. Jair Bolsonaro.

---

Graduado em Letras-Português pela Universidade Estadual de Alagoas. Especialista em Linguagem e Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL). **1**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1789541991421650>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5714-3932>.  
E-mail: [jotasilvaletras@gmail.com](mailto:jotasilvaletras@gmail.com)

Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas. Professor Colaborador na Pós-Graduação Lato Sensu em Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas. **2**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2766114044281875>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2207-8784>.  
E-mail: [edson.lima@proginst.ufal.br](mailto:edson.lima@proginst.ufal.br)

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos ideológicos que constituíram o discurso de posse do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, doravante Presidente Bolsonaro, na sessão de posse no Congresso Nacional em 2019, tendo o mesmo sido eleito no segundo turno das eleições presidenciais de 2018, após um período de quatro eleições consecutivas das quais o Partido dos Trabalhadores (PT) havia obtido vitória nas urnas.

Como estratégia metodológica, optou-se por utilizar a Análise do Discurso (AD) conforme os autores Orlandi (2012) e Cavalcante (2017), ambos influenciados pela perspectiva francesa de Michel Pêcheux. Desses autores referenciados, foram utilizados os procedimentos técnicos do primeiro e a compreensão histórico dialética da segunda, o que inclusive justifica-se pelo material de análise depreender a necessidade de reflexão sobre a conjuntura no seu aspecto socioeconômico.

Para tal, considera-se que, na abordagem de Pêcheux, a AD se concebe de três regiões do saber: o materialismo histórico, numa releitura moderna; a linguística, que se propõe como teoria dos mecanismos da sintaxe nos processos de enunciação/vocalização, numa leitura psicanalítica, em especial lacaniana; e a teoria dos discursos como elaboração de mecanismos sintáticos e semióticos. De forma conjunta, apresenta-se como instrumento para produção de sentido da forma-sujeito do discurso – ser naturalmente ideológico - e formador de vestígios da/na história, na ordem da língua (ORLANDI, 2012).

Pêcheux propõe a Análise de Discurso como campo teórico nos anos de 1960, justamente nessa proposição entre psicanálise e materialismo histórico - dado que a língua não é a-histórica, exaltando a luta de classes também como evidente no modo como os sujeitos se expõem ao mundo pelo dito/não-dito, em suas contradições – pois é de antagonismos também que se fundamenta o modo de produção Capital (CAVALCANTE, 2017).

Nesse sentido, o método que aqui se propõe possui como polo epistemológico o materialismo histórico; morfológico, a dialética; teórico, o marxismo e como polo técnico a análise de discurso na perspectiva francesa. No âmbito didático, por sua vez, terá o seguinte percurso analítico: (1) o dizer presidencial como objeto de análise; (2) elementos biográficos do sujeito enunciativo; e (3) tratamento das categorias discursivas que emergiram do dito ao não-dito.

Ao longo da discussão, serão apresentados aspectos da história do Brasil recente que orientam para a compreensão de acontecimentos que construíram o plano de fundo para a vocalização do discurso presidencial de 2019; afinal, conforme Orlandi (2012, p. 15): “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”.

## Discursos presidenciais e o método de Análise do Discurso

A análise de enunciações presidenciais tem sido vista como instrumento para compreensão de construção da relação do Estado com os sujeitos percebidos na condição de governados. As análises de dizeres presidenciais já incluíram chefes de Estado como Getúlio Vargas, Fernando Collor, Lula, dentre outros (BRANDÃO, 2017; BIAZIN, 2018) em todos os casos fazendo uma relação entre o sujeito e sua respectiva época, compreendendo a fala não apenas como mera vocalização de iniciação de mandato, como também a transmissão de uma mensagem que remete a aspectos ideológicos que, apesar de não visarem à representação de uma realidade, funcionam como um projeto totalizante que transmuta o sujeito em autor (ORLANDI, 2012).

Nessa elevação, o complexo de formações ideológicas, quando enunciadas, promove uma série de formulações distintas e dispersas (citações, repetições, paráfrases) constituindo o domínio da memória na perspectiva foucaultiana (COURTINE, 1984). Tais formulações são também denominadas de interdiscurso, que, segundo Pêcheux (1995), determinam o sujeito impondo-dissimulando seu assujeitamento sob a aparência de autonomia.

Nas letras, destaca-se também a função da linguagem enquanto instrumento social para dar curso a posições de natureza teleológica, induzindo homens a ações direcionadas, modo pelo qual se escreve a história, pela transformação da natureza, segundo um processo dinâ-

mico e material das relações entre sujeitos sociais que ocupam distintas posições de classe (CAVALCANTE, 2017).

Isso se dá porque, conforme o sentido que a Análise do Discurso depreende para a presença da ideologia na linguagem, entende-se que enunciador é dominado por sua formação ideológica e discursiva, que se manifesta de diversas formas como através de paráfrases, repetições frequentes na linguagem; o pré-construído, isto é, aquilo que é retomado a partir de outros discursos (CAVALCANTE, 2017)

No âmbito da análise dos discursos de presidentes, a proposição dessa função-autor declarada pelo estadista extrapola mesmo o âmbito individual, constituindo uma relação de um produto ideológico direto que, na forma de pessoa, se propõe a um projeto de sociedade, em estado de enunciação, não mais de convencimento, na sua relação com o interlocutor, pois “não basta falar para ser autor”, implica-se na verdade a assunção do autor – e nesse caso na figura de líder de Estado – e sua inserção na cultura, uma posição no contexto histórico social (ORLANDI, 2012, p. 76).

Cabe ainda retomar a compreensão do papel do chefe do Estado na perspectiva do materialismo histórico-dialético, o qual se assume como resultado de um processo dito democrático que resulta na manutenção da sobreposição da burguesia sobre o assalariado; sim, o Estado se coloca como a garantia do privilégio burguês e da manutenção de seu *status quo*, não se apresenta como resultado da vontade direta da classe subordinada, mas sim, da que subordina, ainda que a primeira atue enquanto veículo da vontade da última (MARX, 1996).

Nesse cenário, o dizer presidencial do presidente Bolsonaro se propõe, na égide do Capital, como produto desse antagonismo da vontade que se concretizaram no voto popular, sendo antes mesmo de um conflito de interesses individuais ou da expressão da vontade popular, um jogo cujos polos têm a ver com sistema de classes em conflito que em última análise, e conforme a dialética apresentam uma estrutura que remetem a processos de alienação e manutenção do privilégio burguês, ainda que num primeiro momento se evoque às liberdades e a igualdade.

## **Elementos biográficos do presidente Bolsonaro**

Segundo dados da Câmara Federal, de onde emergiu Jair Messias Bolsonaro, após sete mandatos (1991-1995, 1995-1999, 1999-2003, 2003-2007, 2007-2011, 2011- 2015 e 2015-2019, sempre pelo estado do Rio de Janeiro), o atual presidente, que ocupa a função-autor na presente análise, nasceu em Campinas-SP, em 21 de março de 1955, tendo iniciado sua trajetória política como vereador de 1989 a 1991, no mesmo estado onde ocupou a legislatura federal.

A mesma fonte situa ainda sua atividade profissional como capitão do exército brasileiro pela cidade de Nioque-MS, de 1979 à 1981, após trajetória de formação nas forças armadas em diversos contextos formativos, dentre os quais se destacam o curso de paraquedista militar e uma jornada de atividades de natureza atlético-militar pela Escola de Educação Física do Exército (BRASIL, 2020).

Sua experiência no exército, contexto que vale destacar por se tratar de um lugar reiteradamente enfatizado pelo sujeito-autor em sua identidade política, foi marcado também por experiências no mínimo polêmicas. Iniciando a carreira militar na Escola de Cadetes de Campinas, em 1973, saiu da ativa para a reserva em 1988, já eleito vereador, tendo ingressado sua vida pública em 1986, após assinar na revista *Veja* um artigo acerca do baixo soldo dos militares. O mesmo folheto divulgou um ano depois uma denúncia que o envolveu acerca de um plano de estourar bombas em locais estratégicos do Rio (CARVALHO, 2019).

Carvalho (2019) relata que o então militar fora declarado culpado num primeiro julgamento, vindo a ser inocentado posteriormente no Superior Tribunal Militar. A partir de então, o Bolsonaro-capitão dá lugar ao Bolsonaro-político, trajetória que também pincelou – tal como a carreira militar – episódios no mínimo polêmicos em uma ampla gama de partidos políticos de diferentes espectros (PDC, PP, PPR, PPB, PTB, PFL, PP, PSC e PSL), que se alinham ao que no cenário político é caracterizado como partidos de centro (CARVALHO, 2019; BRASIL, 2020).

Descendente de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no pós Segunda Guerra Mundial e filho de Filho de Percy Geraldo Bolsonaro e de Olinda Bonturi Bolsonaro, Jair é casado com Michelle, com quem teve sua filha caçula chamada Laura. Antes disso, já era pai de quatro filhos de um primeiro casamento, três dos quais (Flávio, Carlos e Eduardo) também ingressaram na política, sendo, para alguns comentaristas mais críticos (ALMEIDA, 2019), todos eles extensão do pai enquanto proponentes de discurso.

Nos últimos cinco anos de legislatura, enquanto deputado federal, após mais de duas décadas de pouca expressividade, Jair Bolsonaro ganhou notoriedade ao se alinhar a forças do cenário político consideradas emergentes, em especial o chamado antipetismo, corrente de oposição ao governo que até então se estabelecia no Brasil após quatro mandatos sucessivos da dupla Lula-Dilma; o conservadorismo religioso cristão, em especial dos pentecostais e neopentecostais; e das forças de segurança, militares e forças armadas (ALMEIDA, 2019).

Na perspectiva do materialismo histórico, cabe lembrar, ainda, que tais movimentos sejam em si mesmo potentes de dinâmica social, são o resultado de uma luta de classes que se resume a duas forças em âmbito estrutural – burguesia e proletariado, sendo o discurso do Estado – e aqui do presidente que ocupa essa representação, o plano de fundo de uma vontade burguesa, que também se objetiva concretamente num quarto vetor social: o empresariado, que passa a se identificar com esse personagem, contribuindo para culminar em sua eleição.

### **Breve contexto histórico e situacional que antecederam o cenário de 2019: condições de produção amplas**

As forças que culminaram com os movimentos apoiadores de Bolsonaro, contribuindo decisivamente em sua eleição remontam em alguma medida à construção histórica de alguns fenômenos já citados: a crise do capital e crescente intensificação do neoliberalismo econômico, o antipetismo, o protagonismo que as forças militares vieram a constituir como resultante de uma desconfiança com a política e o florescimento do neopentecostalismo em resposta ao progressismo moral. Em geral, o discurso presidencial somente pode ter seu sentido desvelado, se seguidas as pistas deixadas pela aglutinação desses fenômenos.

Acerca da crise do Capital, cabe dizer que no contexto brasileiro, a década de 1970 teve um significado especial enquanto período de mudanças no cenário político, econômico e social. O país vivenciava movimentos para superação da experiência do regime militar, reivindicações no âmbito trabalhista e sanitário que, somada a outras demandas desembocaram na produção da Constituição de 1988. Iniciam-se após isso reorganizações econômicas que redundaram na instabilidade da moeda, que veio a encontrar caminho de maior serenidade somente com a adoção do plano Real num regime social democrata (PIMENTEL, 2007; SARDER, PABLO, 1995).

Ora, a positiva experiência econômica social democrata, ainda fundamentada nos movimentos de esquerda que conquistaram a nova constituição produziram uma amortização da inserção do neoliberalismo de forma mais intensa daquela ocorrida no contexto americano desde o início da década de 1970. Ao longo dos governos petistas, pode-se dizer ainda que a primeira década dos anos 2000 conseguiu provocar uma síntese positiva aos interesses econômicos burgueses, o que foi gradativamente se rompendo, ao passo que a alta burguesia passou a assumir com o passar dos anos uma postura de oposição ao governo petista, simpatizando com forças que antagônicas a este (PIMENTEL, 2007; SARDER, PABLO, 1995).

Esse crescente antipetismo de viés econômico, mas não apenas, se refletiu também em outras frentes. Ora, dado que o principal acontecimento que fragilizou o petismo foi a deflagração pela Polícia Federal da operação Lava Jato, o cenário político passou a ter como pauta ainda mais intensa a necessidade de combater a corrupção, que passou a ser identificada como coincidente do próprio partido político que geria o Brasil à época, adicionada às suas principais alianças. Esse movimento de desconfiança conduziu para o protagonismo da cena política grupos como as forças de segurança e o conservadorismo religioso, que também se identificavam com o antiprogressismo, dado a pautas de natureza moral (ALMEIDA, 2019).

As forças de segurança, e inclui-se nessa expressão também as forças armadas, foram

um grupo que gradativamente escantearam-se do protagonismo político, sobretudo após o fim do regime militar. Na pauta da segurança, pode-se dizer que o aumento das estatísticas de violência – em parte esperada inclusive como resultado da crise econômica – com ausência de um projeto mais objetivo do governo, fizeram com que parte do eleitorado viesse a simpatizar com discursos de atitude severa para dar resolutividade ao problema, inclusive com apoio ao armamento da população e com uma releitura de acontecimentos da intervenção militar, exaltando o combate à chamada “ideologia comunista” (PIMENTEL, 2007).

Essa ideologia comunista, dizia-se, também havia se identificado com várias pautas progressistas que se defrontavam com grupos conservadores, dentre os quais destacam-se movimentos feministas abortistas e LBGTs, que vinham trazendo à tona discussões sobre gênero rivais das proposições eclesiais sobre o modelo de família tradicional e preservação da vida intrauterina. Na perspectiva de Duarte (2017, p. 155):

O Brasil, principalmente com a redemocratização, experimentou mudanças consideradas progressistas em termos de direitos reprodutivos e sexuais. Em contraposição, recrudescer a reação para conter a secularização, de um lado, e os comportamentos e os valores mais liberais, de outro. Esse contexto tem resultado na disputa pela moralidade pública, que encontrou nas religiões cristãs os principais promotores da sacralização da família e da reprodução da vida.

Tais embates já vinham ocorrendo ao longo da última década, inclusive com o progressivo crescimento do número de parlamentares que se apresentavam como cristãos (ALMEIDA, 2019).

Esse crescimento do número de parlamentares autodeclarados evangélicos era resultado de uma revolução do cenário religioso brasileiro apresentado no último censo. O percentual evangélico já caracterizava 22,2% da população em 2010, demonstrando não apenas uma diminuição do número de católicos, mas a produção de novos discursos, que em suma poderiam até ser entendidos como a proposição de uma nova ética no sentido da busca pela prosperidade por meio do trabalho, requisição de maior liberdade econômica, relação diminuída com o Estado e maior participação nas mídias sociais (IBGE, 2010).

Tais mídias sociais, que até então eram marcadamente televisivas, passaram a ser cada vez mais digitais. Sim, enquanto *modus operandi* da comunicação, o cenário virtual passou a ter mais aproximação e visibilidade para certa parcela da população, fazendo com que a própria propaganda eleitoral passasse a ser cada vez mais instrumentalizada pelo *smartphone*, aproximando usuários de outras releituras da história, do cenário político e das esperanças para o futuro; trouxe ainda a discussão de outras pautas decorrentes dessa virtualização da experiência, a saber, como a relação com a notícia, desmontando sentidos sobre a verdade, como demonstram os casos de *fake news* (ALMEIDA, 2019).

Ora, a resultante dessas forças aqui destacadas deu-se com a eleição do presidente que aglutinou esses discursos e os tomou para si durante a campanha eleitoral. É factível dizer que a somatória dessas vozes ressignificaram a conjuntura política e se quimerizaram num outro modo de relação Estado-governado, com proposições que serão melhor conhecidas na análise de discurso de posse.

## Discurso de posse

O discurso de posse foi proferido no dia 1º de janeiro de 2019, no Palácio do Planalto em Brasília. Antes mesmo de discutir o conteúdo, é mister rememorar outros elementos que permearam o contexto, as condições de produção estritas. Inclui-se, assim, o fato de ter sido o discurso com a maior rede de segurança, com 46 policiais federais, mísseis antiaéreos, espaço aéreo fechado de 7 Km, duas dezenas de caças da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e mísseis teleguiados. Além disso, a imprensa não teve acesso livre ao local da cerimônia, perma-

necendo apenas em ambiente determinado; ademais, foi proibida a entrada de pessoas portando objetos como mochilas, bebidas alcoólicas, sprays, produtos inflamáveis, dentre outros.

Toda essa cautela levou em consideração acontecimentos que se deram ainda no período de campanha eleitoral, mais especificamente o marcante episódio da “facada”, quando, durante um comício no dia 6 de setembro de 2018, o até então deputado Jair Bolsonaro, presidenciável das eleições daquele ano (e futuro presidente), foi golpeado a faca por alguém que assistia àquele movimento, depois identificado como Adélio Bispo. O episódio remonta a um fenômeno político no qual eventos fortuitos e obscuros resultam em alguma forma de lucro quando se convertem em votos, o que foi especialmente importante para fortalecer o tom “messiânico” que aquela eleição acabou ganhando.

Para melhor compreensão do discurso, foram organizadas seis categorias temáticas, a saber, (1) Discurso sobre Deus; (2) Discurso de enaltecimento da Pátria; (3) Discurso de oposição ao socialismo; (4) Discurso de simpatia por valores liberais; (5) Discurso de reformador de questões estruturais; e (6) Discurso de exaltação das forças armadas. Essa forma de organizar em categorias dialoga com o método de análise de discurso, que conta também com outra unidade de medida, disposta em cada categoria, que são as sequências discursivas (SD).

### Discurso sobre Deus

O tema da religiosidade permeou o processo da eleição de 2018, como resultado de uma intensa polarização de ideologias políticas e morais. Elegemos 4 sequências discursivas do discurso de posse que ilustram o discurso sobre Deus que se verificou na fala do presidente Jair Bolsonaro; para tal análise, considera-se a leitura de religiosidade conforme o materialismo histórico-dialético, que tem associado esse fenômeno ao processo de intensificação da fetichização do mundo, provocada pelo Capital, que marcadamente responde à uma necessidade humana de subjetivação ante ao mistério da consciência e instrumentaliza-se como processo alienante (TONET, 2018).

Ora, a palavra “Deus” surge sete vezes no discurso de posse de Jair Bolsonaro. Para além do fato de ser comum iniciar um pronunciamento dessa natureza enaltecendo a divindade e o sentimento religioso dos ouvintes, o que provoca, a sensação de humildade, o fato é que Deus surge em cada segmento do discurso, estando associado a duas condições, a saber, como guia e protetor da pátria e como seu salvador pessoal no episódio da facada. Não obstante, o termo aparece também no próprio *slogan* do presidente, ali também recitado: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

A primeira SD em destaque surge logo no início da fala: “e isso [servir a pátria na condição de presidente] só está sendo possível porque Deus preservou a minha vida”. Ora, aqui remete-se à condição de que sua presença como chefe da Pátria é colocada como produto direto da vontade divina, o que provoca identificação com o sentimento religioso do ouvinte, sobretudo dos movimentos pentecostais que lhe declararam apoio. Iniciar sua fala remetendo à condição messiânica, apresenta o papel da religião em produzir o antagonismo bem/mal e segundo a dialética marxista aliena ao ignorar à luta de classes e a desigualdade como fundamento do sistema, legitimando como vontade de Deus o acontecimento, inclusive o desastre e a bonança individual.

Nota-se uma centralidade do eu/sujeito como resposta direta do Sagrado. Mais do que se colocar como um presidente, que visa a redução das desigualdades como disparador do discurso, enaltece-se uma posição sagrada do governante, tendo dois livros como seu fundamento, a Bíblia e a Constituição, ambos declarando o papel do clero e da ideologia burguesa como promotor da ordem, afastando a ideia da revolução proletária como esperança escatológica e sendo ele mesmo, a pessoa do presidente que absorve a condição de divino, tal resposta.

A segunda SD é ainda um desdobramento da primeira:

Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível. Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados

pela nossa Constituição e com Deus no coração (FOLHA, 2019).

Nota-se o aspecto escatológico promovido no discurso, associando sua própria presença como uma renovação de esperança fundada não no esclarecimento de que a desigualdade é produto direto da forma como os meios de produção são distribuídos, concentrando-se na burguesia, mas identificando o aspecto religioso, os ideais políticos, que aqui se fundem como Sagrado e dispendo a Lei como razão e a religião como sentimento, o que na perspectiva materialista de história se projeta como garantidor da manutenção da ordem social vigente, isto é, da concentração da produção na classe dominante.

Na terceira SD, tem-se: “Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por Deus e um povo maravilhoso”. Aqui as riquezas naturais se colocam como figura do paraíso; sim, na linguagem religiosa a “terra que mana leite e mel” se coloca como a promessa de Deus para o seu povo; não obstante, no discurso em que se enaltece a terra como pátria sagrada e guiada por Deus, o Brasil é colocado como o ambiente perfeito para o exercício da vontade divina.

Mais que uma exaltação simbólica do lugar, essa representação intensifica a manutenção da ordem socioeconômica da superestrutura, isto é, do Capital. Em outros tons, por que alguém geraria guerra e revolução em solo sagrado? Afinal, quem o fizer se coloca diretamente como inimigo, como oposição ao ungido e ao seu povo, luta esta que, diferente de apresentar a exploração do assalariado, inclusive no ato de transformação direta da natureza pelo trabalho, apresenta o cenário com tonalidade paradisíaca, como que inibindo algum sentimento revolucionário, pois, no fim das contas, a vontade de Deus justifica o estado de coisas (TONET, 2018).

Note-se que, assim como o pronunciamento iniciou com Deus, é também com o Sagrado que se encerra. A próxima SD reúne quatro vezes a palavra Deus, como tom de desfecho:

Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis. Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação. Que Deus abençoe esta grande nação. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos (FOLHA, 2019).

Ao final, remete-se mais uma vez à posição de messias, retomando o deferimento da ferida de morte que teria sensibilizado o povo de Deus; e ainda noutra tipologia, tal como Salomão, solicita a sabedoria (o conhecimento divino) para guiar o reino; por último, tal qual profeta, media a benção de Deus e vocaliza o slogan/ máxima/ mantra do qual fez isso na campanha.

O conteúdo do discurso sobre Deus durante a posse parece remete à conquista de uma terra santa como resultado de uma cruzada que deixou ferido o rei, encantamento este que na perspectiva marxista se apresenta como alienador da real esfera de crise em que se vive, de natureza ontológica. Conforme Tonet (2018, p. 69),

Todas as formas de religiosidade, além de conviverem muito bem com a propriedade privada, ou seja, com a exploração do homem pelo homem, também vivem às custas da propriedade privada. Não obstante, façam críticas [...] esta nunca é atacada em seus fundamentos e também nunca é defendida sua extinção. Ela é simplesmente naturalizada.

O messias Bolsonaro não pretende, assim, trazer à tona o verdadeiro escancaramento da desigualdade, mas legitimá-la pela religião. Ainda que uma análise superficial pareça exprimir uma mudança de condição, não é o que seu real sentido declara, o que poderá ser melhor percebido ao se analisar outras categorias de discurso.

## Discurso de enaltecimento da pátria

Como segundo elemento mais enfatizado no discurso de posse, a Pátria se apresenta, conforme à lógica do Capital como a própria ideia de propriedade privada vista de maneira mais simbólica. Ora, o que muitas vezes se apresenta como tentativa de valorizar o lugar nunca é associado verdadeiramente como a pátria de todos, isto é, como o cenário de reais condições de igualdade, mas sim como o ajuntamento e sua legitimação na composição de um Estado do que seria as diversas propriedades burguesas que requerem proteção. Nesse sentido, duas SD representam a promoção, pelo presidente, deste que é o principal fundamento do poder burguês: a propriedade privada.

Na primeira SD de enaltecimento da Pátria, tem-se: “Juntos temos como fazer o Brasil ocupar o lugar de destaque que ele merece no mundo e trazer paz e prosperidade pra o nosso povo”. A ideia de juntar as pessoas, na lógica materialista pode ser associada a duas condições, uma de união das forças na revolução social, outra na condição de massa, resultado de alienação. Na leitura que se faz dessa SD, apresenta-se o convite para que a classe assalariada, através do trabalho, mas ainda sob dominação burguesa, produza prosperidade, o que nunca ocorre no Capital para o bem coletivo, mas para a manutenção da concentração de renda.

Ora, a paz na lógica do Capital sempre está associada ao progresso econômico, e o assalariado toma para si essa ideia como se de fato seu trabalho fosse produzir resultado para si mesmo; o que deveras não ocorre. Para a burguesia, interessa que o trabalhador sobreviva e não que tenha progresso econômico, mas é necessário que a ideia transmitida seja a de que se produz riqueza para a pátria, enquanto na verdade a destinação de toda essa mais-valia é para a manutenção da ordem dominante (MARX, 1996).

O ápice desse enaltecimento da propriedade privada simbolicamente representada pela Pátria é exposta na seguinte SD: “*Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela*”. Esse processo de cores é elementar nesse discurso. Durante toda a campanha associou-se as cores da bandeira do Brasil (verde e amarelo) à identidade de Pátria e aos valores ditos nacionais, quando isso pode ser compreendido como um fetiche promovido pela burguesia para que a manutenção da propriedade privada fosse mais uma vez aceita de forma passiva (ANDRADE, 2019).

Ademais, cabe destacar um outro elemento visual presente no discurso, a saber, a própria presença de pessoas com vestimenta verde e amarela na ocasião, com fardamento da seleção brasileira, forma de popularização da simbiose de cores, associada aos elementos de orgulho nacional, como é o caso do futebol. Não obstante, o discurso, ao promover a pátria como conquista religiosamente esportiva, tem por tendência à superficialidade dirigida não a uma comunidade de trabalhadores, mas sim, a uma torcida; afinal o esporte, tal qual a religião, também se caracteriza como instrumento alienante.

## Discurso de oposição ao socialismo

Uma análise marxista do discurso de posse de Bolsonaro deve reconhecer que não há muito esforço em tornar obscuros certos apontamentos ideológicos. É o caso, por exemplo, dos discursos de oposição ao socialismo, apresentando marcadamente como ideologia inimiga sob vários contextos, em especial econômico, religioso e patriótico. O socialismo é o modo de produção enunciado por Marx e Engels, que tomaria o lugar do capitalismo e antecederia o comunismo, através da manutenção dos meios de produção (e de seu lucro) pelo Estado em prol da distribuição equitativa da renda, como resultado da Revolução Social (MARX, 1996).

Nesse ponto, pode-se dizer que a exposição da ideia de combate ao socialismo é apresentada de modo claro, apesar de ser alienante seu verdadeiro motivador. O termo socialismo aparece no discurso apenas uma vez, porém a ideologia é apresentada com outras figuras, como a já enunciada “bandeira vermelha” e outras como “gigantismo estatal”, “politicamente correto”, “ideologias nefastas”; algumas ainda se referem especificamente ao antipetismo como interesses, conchavos e ideologias partidárias (ANDRADE, 2019).

Revela-se aqui a estratégia burguesa de sempre associar um projeto partidário ou estatal não funcional de inspiração marxista como evidência de uma possível impossibilidade

de efetivação desse modo de produção alternativo. Relacionar ao socialismo situações que produzam resultados desfavoráveis na economia, na moral e na fé é tipicamente observado em discursos burgueses. Serão analisados, assim, quatro SD que demarcam essa categoria.

A primeira SD da categoria é: *“Neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”*. Ainda como desdobramento do eu-messias, que se coloca como salvador numa cruzada, de guerra, a expressão “neste dia” apresenta uma expressão profundamente escatológica, como sendo o despertar de uma nova era, na qual a moral conservadora teria se libertado de um inimigo.

Na sequência desse discurso, observa-se que o primeiro ponto negativo ali destacado como produto do socialismo é mesmo a questão dos valores. Sim, as questões morais são representadas inclusive enquanto prioridade sobre a exploração e a desigualdade. A expressão gigantismo estatal se coloca como combate ao papel do Estado admitido pelo Socialismo e proposição do Estado Mínimo, conforme a tese burguesa. A ideia da classe dominante é o máximo de concentração individual da renda, da propriedade e dos meios de produção, apontando a falsa tese de que as pessoas, nesse cenário, teriam mais possibilidades de emancipação, como se estivessem em condições equivalentes de disputa (MATOS, 2008).

Nessa outra SD, mais uma vez é reafirmada a necessidade de combate ideológico para promoção imediata de uma nova era de prosperidade:

Temos uma grande nação para reconstruir e isso faremos juntos. Os primeiros passos já foram dados. Graças a vocês eu fui eleito com a campanha mais barata da história. Graças a vocês conseguimos montar um governo sem conchavos ou acertos políticos, formamos um time de ministros técnicos e capazes para transformar o nosso Brasil (FOLHA, 2019).

O ideário popular, sobretudo em resultado de processos eleitorais recentes, tende a associar “o mais barato” como o mais justo, por responder a menos custo no tocante ao erário. O mesmo se reforça nas expressões “sem conchavos” ou “acertos políticos”. A ideia que aqui emerge é a de que o presidente teria sido eleito na contramão de um processo que resistia à sua vitória, de forma pura, não-contaminada pela união partidarista, estabelecendo uma imagem de santidade, no sentido de separação, elemento fundamental no discurso religioso.

E aqui mais uma vez o viés futebolístico se apresenta na expressão “time de ministros”, que como já tratado dirige-se a uma torcida com vestimenta esportiva que se coloca como público-alvo do discurso. Essa equipe seria “técnica”, isto é, por extensão do sagrado, separado e, por isso mesmo capaz de mudar a realidade. Esses elementos são demarcados pelo não-dito em torno da qualquer resposta no tocante à promoção da igualdade de acesso aos meios de produção na lógica do Capital.

As expressões também retomam o tempo todo o pronome possessivo “nós”, implícito. A ideia é fazer parecer que o proletário e o pequeno burguês estão em condições de igualdade à alta burguesia na estrutura, sendo todos uma “mesma equipe”, na qual “todos” participaram e participarão igualmente na tomada de decisão, isto é, na restauração de um país que teria sido diminuído e enfraquecido pela presença da ideologia socialista.

Outra SD nessa categoria é: *“Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros”*. Ora, a expressão dividir nesse contexto visa a desvirtuar a divisão fundante do modo de produção, a saber, a que separa e põe em planos de dominação/dominado a classe burguesa e a assalariada. Observe-se que a ideologia é nefasta não por apresentar um programa econômico específico, mas sim, por gerar uma outra forma de divisão que posteriormente é relacionada a valores morais, moral esta de natureza burguesa, promovida por uma ética protestante (WEBER, 2009).

Outra SD revela ainda de modo mais claro a inversão proposta da ideia de privilégio: *“a corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. Os favores politizados, partidarizados*

*devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda a Nação*". Ora, apresentando-se mais uma vez como messias, e na terminologia política mais conveniente um *outsider*, isto é, aquilo que vem de fora da política e ingressa na política, promove-se aqui a ideia de que a verdadeira condição de privilégio não é aquela que faz a burguesia sobrepor-se ao proletário por meio de uma sistemática exploração da força de trabalho, mas a que se concentra em certos políticos, convencendo o ouvinte de que este seria, na verdade, o motivo da desigualdade e da pobreza e não, a própria natureza do capital.

## Discurso liberal

Como desdobramento do combate ideológico ao socialismo, o pronunciamento de posse de Jair Bolsonaro também faz emergir elementos simpatizantes dos valores liberais, sobretudo os de natureza conservadora, visto que no Brasil pode-se afirmar que houve uma atrelamento mútuo dessas questões, o que, por sinal, não é estranho como fenômeno sociológico. Weber já destacava essa simpatia da ética protestante pelo espírito do capitalismo (WEBER, 2009).

A primeira SD que pode ser destacada para demonstrar é: *"Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade"*. Ora, nos últimos anos a polarização política que tomou uma forma cada vez mais moralizante fez emergir o modelo tradicional de família, religiosa e burguesa, como a exemplar, sendo esse bem um componente da máxima conservadora "família, tradição e propriedade". Ora, para além do fato de outros modelos de família também comporem a população brasileira, destaca-se um modo específico de ser.

Ora, na tradição burguesa, a família é destacada como o grupo social primeiro porque é nele que consiste o bem da propriedade privada, que só repassa e se mantém ao longo do tempo, pelo fundamento da herança. É nesse sentido que outras formas de família tendem a se apresentar como oposição desse bem protegido. Os valores religiosos, por sua vez, exaltam a heteronormatividade e a liderança do homem, do masculino, sobre a mulher, o feminino; afinal, conforme Leitão (2011) "a cultura ocidental pode ser caracterizada como uma cultura do corpo" (p. 45); pois:

O corpo que foi totalmente inserido no processo de produção capitalista, aparecendo como uma mercadoria a mais e com todos os nuances fetichista que as mercadorias possuem, precisou ser domesticado [...] para poder transitar no mundo industrializado [...]. Daí o surgimento de instituições disciplinares, bem pesquisadas pelo filósofo francês Michel Foucault, tais como presídios, escolas, hospitais e a constituição da família burguesa (LEITÃO, 2011, p. 48-49).

Desse modo, cabe dizer que conforme propõe o materialismo histórico-dialético, a manutenção do *status* de família tradicional burguesa é fundamental para a própria manutenção da lógica do capital, ao funcionar como processo de domesticação dos corpos, valorizado e até construído em parte pela ética religiosa, marcadamente de definição judaico-cristã (WEBER, 2009; TONET, 2018).

Outra SD que reafirma essa ideia é: *E convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos, reestabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil*. Observe-se que a causa de o Brasil não se encontrar em melhor estado de progresso é pregada pelo presidente Bolsonaro como estando relacionada necessariamente ao *status* do padrão moral e ético, marcadamente cristão. A ideia assim é que a Pátria (propriedade privada) apenas pode ser protegida pela manutenção da ética burguesa, identificada como conservadora.

A simpatia pelos valores liberais está ainda presente na seguinte SD: *"O brasileiro pode e deve sonhar. Sonhar com uma vida melhor, com melhores condições para usufruir do fruto*

do seu trabalho pela meritocracia". Prega-se assim mais um instrumento do liberalismo para alcançar a prosperidade, a saber, a ideia da meritocracia, na qual as pessoas podem alcançar o progresso através de seu esforço pessoal, o que o materialismo histórico dialético se contrapõe por entender que na luta de classes, o proletariado e por extensão suas famílias, já se colocam no jogo em condições incomensuravelmente desfavoráveis (MARX, 1996).

### Discurso reformista

Apesar de o discurso presidencial em sua totalidade ter focado muito mais no aspecto moral e ideológico que na questão programática, alguns elementos podem representar a extensão dessa projeção messiânica também nas reformas que são propostas, não raro relacionando-se sempre ao teor antissocialista. Destaca-se a expressão desideologizar como sendo o *modus operandi* das reformas expressas nessa categoria.

No tocante a essas reformas, o pronunciamento do presidente unificou questões do âmbito econômico e moral, conforme representado dessa SD: *Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos e da desconstrução da família*. Aqui a questão econômica se apresenta como um elemento pouco enfatizado na expressão e de modo subjetivo e não-programático, retomando mais uma vez a questão moral como elemento mantral do discurso.

Continuando, ainda, noutra SD: *Vamos propor e implementar as reformas necessárias. Vamos ampliar infraestruturas, desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança e o peso do Governo sobre quem trabalha e quem produz*. Como elemento do positivismo sociológico, que fundamenta o neoliberalismo, retoma-se mais uma vez a ideia de que o trabalho dignifica o homem e é o caminho para alcançar o progresso, sendo necessária a proposição do Estado mínimo. Tal elemento não representa no materialismo histórico a perspectiva de futuro, visto que a redução do Estado relacionar-se-ia, na verdade, ao aumento da desigualdade pela maior severidade do poder do burguês atingindo de maneira direta a classe trabalhadora (SARDER; PABLO, 1995).

Após a omissão sobre outros temas estruturais importantes, inclusive proposições sobre saúde, assistência social e políticas públicas, que representam uma maior acessibilidade da classe trabalhadora, o discurso de posse tratou do tema educação a seguinte SD:

Pela primeira vez, o Brasil irá priorizar a educação básica, que é a que realmente transforma o presente e faz o futuro de nossos filhos. Temos que nos espelhar em nações que são exemplos para o mundo que por meio da educação encontraram o caminho da prosperidade (FOLHA, 2019).

A perspectiva de educação exposta no discurso é a de que por meio dela é possível alcançar o progresso, através da meritocracia. O não-dito sobre a educação de nível superior também demonstra um reforçamento da ideia de que essa área que antes era priorizada também teria sido enviesada pela perspectiva socialista. Ora, a educação se apresenta na perspectiva do materialismo histórico como sendo o caminho ideológico para promoção da consciência de classe e de sua conseqüente revolução. Na perspectiva do liberalismo, prega-se a ideia de que a educação é possível de neutralidade, ainda que o positivismo seja essa ideologia (FRIGOTTO, 2007).

### Discurso da segurança nacional

A última categoria temática que se apresentou no discurso, que poderia ainda ser um desdobramento da anterior, representa um dos elementos fundamentais da reeleição presidencial: a exaltação das forças de segurança. Inclui-se nesse aspecto o combate ao crime, a violência e o incentivo ao protagonismo das entidades militares. Na perspectiva materialista,

tais forças representam o instrumento final do Estado para garantir a manutenção da ordem e da propriedade privada, quando não mais se mostram eficazes os instrumentos alienantes.

A primeira SD apresenta:

Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares (FOLHA, 2019).

O discurso, nesse sentido, apresenta a necessidade de dar às forças de segurança maior evidência e proteção, o que demonstra não apenas um processo objetivo de fortalecimento dessas entidades, como também a limitação que alcançou no Brasil os demais instrumentos do capital para dominação, prevendo-se com isso a necessidade de se utilizar esse outro recurso.

Mas, deve-se observar também no discurso a utilização do termo “urgente” aplicado mais uma vez ao processo “ideológico” e em especial dos Direitos Humanos (DH), citado, agora indiretamente, pela segunda vez ao longo do discurso. Essa necessidade constante de hierarquização, que inclusive observa os DH como ameaça, é fundamental na lógica do capital, para o que as pessoas são iguais, mas somente dentro de suas próprias classes, sobretudo aquelas que possam ser categorizadas como “pessoas de bem”, estabelecendo uma hierarquia social, apesar de se esperar de um discurso presidencial algo mais ecumênico (MATOS, 2008; ALMEIDA, 2019).

Mas a ênfase na propriedade privada como objetivo central das forças de segurança surge de modo completamente desvelado ainda na seguinte a SD: *Nossa preocupação será com a segurança das pessoas de bem e a garantia do direito de propriedade e da legítima defesa, e o nosso compromisso é valorizar e dar respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança* (grifo nosso). Além da ênfase no direito de propriedade, nota-se também a citação sobre outras formas de liberdade que representam valores liberais, como a legítima defesa, que implica no armamento da população (ANDRADE, 2019).

Na perspectiva do materialismo histórico, pode-se ainda interpretar que o uso intenso de expressões que incentivam ao militarismo, mais até do que apresentar o contexto formativo do presidente, também aponta para uma outra relação com o sujeito, sobretudo porque uma vez havendo um pronunciamento que parece ter focado de modo bastante objetivo para um tipo especial de povo brasileiro, aqueles que se configuram como burgueses e os que são passivos à ética deste, não abarcando outros agrupamentos, e já demonstrando prever a necessidade do uso da força para controle destes.

## Considerações Finais

O presente trabalho propôs-se a analisar a composição ideológica que constituiu o discurso de posse do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro. Para tanto, utilizou-se a análise de discurso a partir da perspectiva do materialismo histórico dialético. Foram reunidas sequências discursivas (SD) organizadas em seis categorias a partir dos principais grupos temáticos que emergiram no discurso de posse, a saber, (1) Discursos sobre Deus; (2) Discursos de enaltecimento da Pátria; (3) Discursos de oposição ao socialismo; (4) Discursos de simpatia por valores liberais; (5) Discursos de reformador de questões estruturais; e (6) Discursos de exaltação das forças armadas.

Percebeu-se que a formação ideológica e discursiva do presidente caracterizou-se pelo aspecto ideológico moralista conservador, arraigado numa dimensão religiosa judaico-cristã. Tal nuance foi a que obteve mais paráfrases, estando em ponto imediatamente secundário outros elementos da ética burguesa e das máximas liberais, que exaltam a ampliação das liberdades individuais e diminuição do Estado na medicação econômica. O discurso contou também com elementos que respondiam aos grupos de interlocutores outros, como as forças de segurança. Conclui-se que a AD pôde perceber diversas ideologias presentes no discurso de

posse do presidente, demonstrando a manutenção da formação discursiva resultante nos anos imediatamente anteriores, com a emergência de grupos conservadores e intensificação do neoliberalismo.

## Referências

ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos**. CEBRAP, São Paulo, v. 38 n 01, p. 185-213. jan.–abr. 2019.

ANDRADE, D. P. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado–Volume**, v. 34, n. 1, p. 211, 2019.

BIAZIN, F. R. B. **Análise do discurso de posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2003: um balanço dos 08 anos de governo com atenção na área da educação**. 2018. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Erechim, 2018.

BRASIL. Câmara Federal. **Jair Bolsonaro – Biografia**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. IBGE. Mapa do Censo Demográfico. 2010. Disponível em: [https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_ao%20determinada\\_Diversidade%20cultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_ao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf). Acesso em: 25 mai. 2020.

CARVALHO, L. M. **O cadete e o capitão**. São Paulo: Todavia, 2019.

CAVALCANTE, M. S. A. O. **Linguagem, discurso e ideologia – a materialidade dos sentidos**. Alagoas: Edufal, 2017.

COURTINE, J.J. Definition e' Orientations Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours, in **Philosophiques**, v. 9, n. 2, Paris, 1984.

ERICSON, S. **Enfermagem e discurso: Imbricações sob a lógica do Capital**. Alagoas: Edufal, 2016.

FOLHA UOL. **Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em: 25 mai. 2019.

FRIGOTTO, G. **Educação e Crise do Capitalismo Real**. São Paulo: Cortez, 2007.

LEITÃO, H. A. L. **Coisas do gênero: Diversidade e desigualdade**. Alagoas: Edufal, 2011.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: nova Cultural, 1996.

MATOS, S. T. S. Conceitos primeiros de neoliberalismo. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 1/2, p. 192-213, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2012.

PIMENTEL, E. **Uma “Nova Questão Social”? Raízes materiais e humano-sociais do pauperismo de ontem e de hoje**. Maceió: EDUFAL, 2007.

SARDER, F; PABLO, G. **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

TEIXEIRA, J. S. F.; ALVES, G; NETO, J. M.; OLIVEIRA, M.A. **Neoliberalismo e reestruturação produtiva: As novas determinações do mundo do trabalho**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TONET, I. **Marxismo, religiosidade e emancipação humana**. Alagoas: Coletivo Veredas, 2018.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

Recebido em 29 de maio de 2020

Aceito em 19 de março de 2021